

# Protagonismo das mulheres na construção de um rio do tempo da agricultura urbana da Região Metropolitana do Recife

Protagonism of women in the construction of a river of time for urban agriculture in the Metropolitan Region of Recife

SILVA, Jackline<sup>1</sup>; SANTOS, Graciete<sup>2</sup>; FREITAS, Karine<sup>3</sup>; REIS, Douglas<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> UFRPE, jackline.silva@ufrpe.br; <sup>2</sup> CMN, graciete@casadamulherdonordeste.org.br;

<sup>3</sup> CPDA/UFRRJ, karinefreitas@ufrrj.br; <sup>4</sup> AU & Saúde, douglaslopes.eafb@gmail.com

## RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: As histórias das mulheres revelam o protagonismo que desempenham na criação de sistemas agroalimentares social e ambientalmente justos, que potencializam a luta pela soberania dos territórios, Segurança Alimentar e Nutricional e proteção da agrobiodiversidade. Neste trabalho, as mulheres da Região Metropolitana do Recife (RMR) são responsáveis pelo resgate das memórias da Agricultura Urbana (AU) através da metodologia do Rio do Tempo e sistematização desse processo com ênfase nos marcadores de gênero e raça, saúde, direito à cidade e justiça ambiental. Como resultado tem-se o primeiro rio do tempo das mulheres e AU na RMR, que demonstra a centralidade que as mulheres e principalmente as mulheres negras exercem na construção do conhecimento da AU de base agroecológica, ao mesmo tempo que enfrentam a falta de políticas de incentivo, invisibilidades e violências causadas pelas estruturas racista, patriarcal e de classes, sendo o principal apoio oriundo das organizações da sociedade civil. Palavras-chave: Agroecologia; gênero; feminismo; agriculturas; cidade.

#### Introdução

O rio do tempo das Mulheres e AU na RMR foi construído no âmbito do Projeto Agricultura Urbana Agroecológica, Direito à Cidade e Promoção da Saúde: intercâmbios para o fortalecimento de práticas e redes, executado pela Agenda de Saúde e Agroecologia da Fiocruz e o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU), em parceria com o Grupo de Trabalho Diversidades: Mulheres, Raça, Gênero, LGBTQIA+ e Povos Tradicionais da Articulação de Agroecologia e Agricultura Urbana e Periurbana da RMR. O Rio do Tempo é uma construção coletiva, composta por um rio de histórias e memórias que, na RMR, ocorreu através de uma oficina presencial, apoiada pelas organizações parceiras que também integram a articulação de AUP da RMR, como a Casa da Mulher do Nordeste (CMN), o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE).

A oficina foi realizada no dia 09 de agosto de 2022 no auditório da FASE, localizada no centro da cidade de Recife, onde participaram cerca de 30 mulheres - contando com 4 (quatro) crianças de algumas das mulheres presentes, pois é sabido que onde há mulheres, há crianças que demandam total atenção e acolhimento.



Essa atividade integrou a segunda etapa do referido projeto, com foco no aprofundamento territorial em redes/iniciativas de agricultura urbana e saúde através da parceria com articulações territoriais em 6 (seis) territórios de referências, sendo eles: as Regiões Metropolitanas de Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória, as cidades de São Paulo e Florianópolis. Nesse contexto, o projeto se somou às ações que já estavam sendo pensadas e articuladas pelo GT Diversidades para o território, contribuindo não apenas para o fortalecimento dos sujeitos envolvidos, como também para a efetivação de um importante marco: o primeiro rio do tempo das mulheres da agricultura urbana da RMR. Esse processo teve abrangência regional, já que mulheres representantes de vários municípios da RMR participaram da oficina, entre eles Recife, Camaragibe, Paulista, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu e Olinda.

Acerca das agriculturas metropolitanas envolvidas, se fizeram presentes mulheres representantes dos povo indígena em contexto urbano Karaxuwanassu, LGBTQIA+, movimentos de luta pelo direito à cidade, hortas coletivas, quintais produtivos, movimento feminista, das praticas integrativas de saúde, das farmácias vivas e fitoterapia, associações, coletivos periféricos e organizações não governamentais.

# Metodologia

Para a visualização e reconstrução coletiva das memórias acerca das agriculturas urbanas da RMR, foi utilizada uma adaptação da metodologia do Rio do Tempo, inspirado no Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico (2017).

A oficina objetivou a construção de um Rio do Tempo da AU na RMR, com um recorte de raça e gênero frente à diversidade das agriculturas a fim de mobilizar as experiências convidadas, com representatividades de mulheres negras, povos tradicionais em contexto urbano e LGBTQIA+ envolvidas com a temática da AU, assim como trazer iniciativas de mulheres que responderam o Mapeamento de Experiências de Agroecologia, Agricultura Urbana, Periurbana e Rural da RMR, realizado pela Articulação de AUP da RMR no ano de 2021, em plena pandemia de COVID-19.

Essa escolha foi uma decisão do GT Diversidades durante as reuniões mensais e de planejamento da oficina, entendendo que gênero e raça são interesses centrais do GT, e que este seria um momento importante para dar visibilidade às experiências protagonizadas pelas mulheres, tendo em vista que no mapeamento realizado pela Articulação de AUP da RMR a atuação e auto-organização política das mulheres através da prática de AU ficou invisibilizado, quando na verdade são as mulheres que estão engajadas politicamente nas ações de AU.

Com isso, o GT ressaltou a importância de beber na fonte do III Encontro de Mulheres e Agricultura Urbana da RMR, organizado pela CMN e organizações parceiras, convidando mulheres que também participaram de debates, mas que não responderam a esse mapeamento.



Também foi pensado em cuidados com a escolha da educadora infantil, que trouxe para o dia a pedagogia lúdica para as crianças, para que as mães conseguissem participar com tranquilidade e qualidade da discussão proposta. Durante o dia de oficina ficou exposto no cantinho da comercialização os produtos que as mulheres trouxeram de suas comunidades, o que possibilitou uma conhecer o trabalho da outra e gerar renda entre elas.

## Resultados e Discussão

O rio foi todo construído acessando a memória e a história coletiva, considerando a luta pelo direito à cidade, à saúde coletiva e integral, à diversidade de gênero e etnia, e à necessidade do diálogo sobre políticas públicas - uma pauta denunciada pois as mulheres anunciaram a falta de políticas públicas (PP) principalmente dentro das comunidades periféricas. Boa parte das experiências são executadas e estão localizadas nas áreas de periferia da RMR, e na falas houveram denúncias relacionadas às fragilidades da saúde, do racismo ambiental e das dificuldades de acesso à água dentro das comunidades, além da má gestão dos resíduos sólidos expressados através de vários pontos de confinamento de lixo espalhados por todas as cidades da RMR.

No que se refere à saúde, os principais destaques do Rio do Tempo, são os marcos dos anos 80 e 90, ligados ao trabalho de saúde coletiva do Centro Nordestino de Medicina Popular (CNMP), a criação do grupo de saúde Condor e Cabo Gato, do Centro de Saúde Alternativo de Muribeca (CESAM) e do Centro de Formação e Educação em Medicina Popular (CEFOMP), importantes porque mostram que desde lá trás a promoção de saúde a partir das mulheres potencializaram à agricultura urbana no território. A partir daí surgem alguns momentos históricos que refletem no surgimento da Associação de Manipuladores de Remédios Fitoterápicos Tradicionais e Semi-artesanais de Pernambuco (AMARFITSA), nos anos 2000, composta pelo conjunto de 5 (cinco) farmácias vivas e laboratórios de fitoterápicos dentro de municípios da RMR. dentre elas o próprio CESAM, o CEFOMP, o Grupo de Saúde Condor e Cabo-Gato e ainda o Centro de Práticas Naturais de Saúde de Camaragibe (CEPRANSC), todos esses participaram da construção desse rio da AU na RMR.

Percorrendo entre os marcadores junto à saúde, políticas públicas, direito à cidade, gênero e raça a iniciativa do COLETIVO MÃES INDEPENDENTES, criado em 2017 na luta pelo autocultivo da maconha resultou na primeira autorização judicial conseguida por uma mãe em Pernambuco para plantar maconha e produzir o óleo. O processo se deu através de habeas corpus (HC), oriundo de assessoria jurídica gratuita da Defensoria Pública da União (DPU), hoje quatro mães independentes já possuem o HC. A luta pela legalização da cannabis medicinal também coloca em evidência a criminalização do uso dessa planta, a qual está diretamente ligada ao genocídio diário da juventude negra.



No que se refere à soberania, segurança alimentar e nutricional (SSAN), a produção de alimentos e feiras agroecológicas contam com a participação e contribuição do Sítio 7 Estrelas, única iniciativa localizada na região rural de Igarassu (município pertencente à RMR). O sítio está filiado a Associação Terra & Vida, que é uma associação de produtores agroflorestais. Questões importantes como participação ativa e escoamento dos beneficiados em feiras agroecológicas, economia solidária e a qualidade de vida que gira em torno de tantas práticas agroecológicas foram expressadas, bem como questões referentes à políticas públicas através do acesso à DAP (Declaração de Aptidão) e ao Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), sendo que de todas as agricultoras presentes, apenas o Sítio 7 Estrelas acessou essas políticas e entendemos que isso é pelo fato de ser a única iniciativa que está localizada na região rural. É necessário que políticas públicas sejam construídas, liberadas e acessadas por agricultores urbanos também.

Em busca de equidade, e enfrentamento às desigualdades, os grupos que lutam em prol das temáticas de gênero e raça têm se auto-organizado cada vez mais, principalmente dentro das periferias e favelas do país vem se reafirmando, uma vez que dentro das cidades essas são as localidades onde a maior parte da população negra vive. Na RMR, os marcos citados trouxeram a experiência do Grupo Espaço Mulher (GEM) é um Grupo de mulheres que surgiu no final dos anos de 1990, mulheres feministas e majoritariamente negras que tocam um espaço de acolhimento e política dentro da comunidade, que pauta a luta pelo fim da violência, o direito à cidade, à educação, a espaços de esporte e lazer dentro da comunidade de Passarinho - Recife, que hoje é uma referência em agricultura urbana através dos quintais produtivos das mulheres que iniciaram suas formações em AU através da Casa da Mulher do Nordeste, em 2015 dentro do GEM.

O Quilombo Semear em 2016 surge em um novo espaço, dentro de Maranguape II - Paulista, como espaço de resistência e continuação das práticas ancestrais como a capoeira de Angola, agricultura e cultura.

Em 2019, o Coletivos Mulheres Periféricas e LGBTQIA+, localizado na Comunidade de Peixinhos - Olinda, criou a horta Semeia Saúde e Liberdade. As periféricas, como são chamadas as mulheres (cis e trans) do coletivo estão luta pela garantia do direito das mulheres e pelo fim da LGBTQIfobia, visam potencializar discussões feministas e antirracistas. O coletivo está afinado com 8 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), entre eles o de nº 2 e 3 - Fome Zero e Agricultura Sustentável e Saúde e Bem Estar.

A Rede Aroeiras de Saúde da Mulher do Campo e da Cidade foi criada em 2019 dentro da UFRPE/SEDE e se expandiu entre as mulheres de Pernambuco e do Brasil com o intuito de se apropriarem e empoderar-se trazendo elas como as protagonistas das articulações dentro dos territórios onde se encontram as rendeiras. As demandas vêm de acordo com a realidade dos territórios. A valorização, preservação e conservação dos biomas localizados nos territórios



também faz parte da articulação da Rede Aroeira de Saúde, há plantas medicinais, alimentícias que hoje estão ameaçadas e por isso também há atividades de reconhecimento e preservação. Pois se as plantas forem extintas, com elas irão todo o poder de cura da Caatinga, da Mata Atlântica, das futuras raizeiras e parteiras.

Na luta pelo direito à cidade as ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), em sua organização desenvolvem AU através das hortas comunitárias, e mais recentemente das cozinhas solidárias como estratégias de enfrentamento à fome. A participação de uma das Cozinhas Solidárias, localizada na Torre, e duas ocupações do MTST, onde estão presentes a horta das Margaridas e da Carolina de Jesus são exemplos de estratégias para promoção de SAN, as cozinhas com preparo e distribuição das marmitas solidárias nas comunidades e as ocupações através das hortas comunitárias. Importante destacar que todas as ocupações que se fizeram presentes nesse encontro trabalham a produção de alimentos em pequena escala com foco no autoconsumo, todas as hortas são frutos do trabalho das mulheres que vivem nas ocupações e que fazem questão de despertar nas crianças relações de cuidado com a natureza, essa é uma estratégia para superar a insegurança alimentar e nutricional.

A Associação Indígenas em Contexto Urbano Karaxuwanassu (ASSICUKA), formalizada em 2021, surgiu em Recife e traz em suas raízes a luta do povo indígena em contexto urbano, na resistência pela vida dos povos originários e pela retomada.

O Coletivo Caranguejo Tabaiares Resiste surgiu em 2018, com a necessidade de articulação e mobilização de luta, conseguiu se unir a outras organizações e montar uma agenda de lutas pelo direito à cidade e pertencimento ao território, entendendo que este direito à cidade não é só à sua casa e. sim, o direito aos direitos, como acesso ao trabalho, à alimentação e à educação. Atua com comunicação popular e comunitária, com articulações que visam o empoderamento das mulheres e juventudes periféricas, através de iniciativas como a horta comunitária, por exemplo, que alimenta famílias do território.

A auto-organização das mulheres através da criação e manutenção das hortas comunitárias têm muita influência na construção da AU no território, como modelos de produção de alimentos principalmente para autoconsumo, dentre as iniciativas que marcaram presença na oficina se tem as Mulheres Guerreira da Palha do Arroz em Campo Grande, Recife; a Horta Popular Agroecológica Dandara em Peixinhos, Olinda; a Sementeira Esperança, da comunidade XV de Novembro, Paulista e a Horta Comunitária da Vila Santa Luzia, Torre, representada pelo Centro de Ensino Popular e Assistência Social De Pernambuco - Santa Paula Frassinetti (CEPAS). As outras hortas já foram citadas fazendo relação direta com marcadores específicos.



#### Conclusões

Gênero e raça, saúde coletiva, direito à cidade, entre outras são temáticas discutidas e praticadas no contexto da agricultura urbana e que envolvem as mulheres participantes da oficina e, por que não, de toda a RMR. Dessa maneira, o resgate coletivo contribui não apenas para o fortalecimento dos sujeitos envolvidos, como também para a efetivação de um importante marco para o território: o primeiro Rio do Tempo da agricultura urbana da RMR, especialmente construído por mulheres.

Apesar de recente a criação do Plano Municipal de Agroecologia Urbana do Recife (2021) lançado através da Secretaria Executiva de Agroecologia Urbana - SEAU, durante a oficina nenhuma das mulheres citou como marcador de política pública, faltou a da inserção desse marco no momento da oficina.

Foi visto que existem poucas políticas públicas voltadas para o campo da AU dentro da RMR, e que pouco dispõem de fomento para as experiências. O apoio, principalmente dentro das periferias, é dado pela organização e participação da sociedade civil, isso ficou evidente quando as presentes relataram que a implantação e/ou qualificação, bem como assessoria técnica de hortas coletivas e quintais produtivos, por exemplo, foram apoiadas por projetos das organizações não governamentais.

## **Agradecimentos**

À "Ruralinda", Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde me apaixonei pela agroecologia enquanto mulher na ciência. À CMN, onde é possível principalmente com as mulheres contribuir para construção da agroecologia enquanto prática e movimento. À Articulação de Agroecologia, AUP da RMR. Ao projeto Agricultura Urbana Agroecológica, Direito à Cidade e Promoção da Saúde: intercâmbios para o fortalecimento de práticas e redes, à Fiocruz e à Fiotec. Ao meu filho, para o qual escolhi o nome Liam Caiuá, cujo significado é o protetor corajoso da mata, que todos os dias me inspira e me desafia a lutar por um mundo melhor.

## Referências bibliográficas

BIAZOTI, André; TAVARES, Patrícia D.; SOUZA, Natália A. Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico. **Associação Brasileira de Agroecologia**, 1. Ed., p. 35-36, - Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

CARDEAL, Junior. ASSICUKA: a primeira associação indígena em contexto urbano oficializada do Brasil, em Recife. **Agência de Notícias das Favelas**. Disponível em: https://www.anf.org.br/assicuka-a-primeira-associacao-indigena-em-contexto-urbano-oficializada-do-brasil-em-recife/ Assesso em: 07 de julho. 2023.



Mapa da Mídia Independente e Popular de Pernambuco. Coletivo Caranguejo Tabaiares Registe. **Marco Zero Conteúdo**. Disponível em: https://mapadamidiape.marcozero.org/coletivo/coletivo-caranguejo-tabaiares-resiste/ Acesso em 07 de julho. 2023.

Rede Aroeiras da Saúde da Mulher no Campo e na Cidade. **Agroecologia em Rede**. Disponível em: https://agroecologiaemrede.org.br/organizacao/rede-aroeiras-da-saude-da-mulher-n o-campo-e-na-cidade/ Acesso em: 10 de junho. 2023.